

## Cap. XXIII – Bergson

### 1- Em que Ciência e Metafísica diferem, e em que se complementam?

Aquela ciência que busca conhecer partindo do paradigma material, tem como fundamento a razão pura, limitada ao espaço-tempo (e diria Bergson, a intuição, em alguns casos excepcionais, quando os que intuem formulam as hipóteses e os métodos), essa ciência comum procura elaborar experimentos a partir de pressupostos inteligíveis, logicamente plausíveis, e testar empiricamente as teses, multiplicando e analisando geometricamente os resultados, para quando possível, formular leis que serão válidas, até que um novo experimento as verifique e desminta.

Essa forma de produzir conhecimento vai, cada vez mais, se aproximando da verdade, do objeto a ser conhecido, da chamada coisa em si, mas como seu escopo é apenas material, essa derivação quantitativa, do limite espacial tendendo ao tempo espacial zero, provavelmente nunca apreenderá por completo qualquer coisa que seja, do mundo real-substancial. Bergson poderia dizer que a ciência rodeia o objeto, a cada momento da sucessão temporal está mais perto dele, entretanto, em contrapartida, o **conhecimento intuitivo o apreende em um único ato do espírito, na duração.**

Se o filósofo estiver com razão, esse tipo de conhecimento intuitivo ocorrerá no âmbito da metafísica, embora não deva ser desmentido pelas experiências de qualquer linha.

Mas a metafísica, o que ela é? Na concepção tradicional que temos, por assim estarmos condicionados, ou mesmo pelo intelecto funcionar desta maneira cartesiana, essa metafísica da qual falávamos busca conhecer as verdades de maneira apriorística, ou seja, valendo-se exclusivamente da razão (razão pura (!) diria Kant, aquela que se limita ao espaço-tempo, por ser alimentada pelo entendimento, construído pelas sensações. Se a verdade metafísica está além dos sentidos, está além da razão, e seria inapreensível por ela).

A razão, quando se limita apenas a ela, é inexorável. Mas Kant não foi apenas isso, e aqui não é o lugar para prosseguir com divagações.

Sendo, portanto, na maneira convencional de se abordar o tema, duas utilizações distintas dos instrumentos cognitivos, Ciência e Metafísica, deveriam diferir por usarem métodos distintos de conhecer, sentidos e razão. Mas exatamente por essa diferença metodológica, a própria razão dirá, acabam conhecendo aspectos diversos da (mesma) verdade, e por este motivo, deveriam ser complementares, e se entenderem.

Em sua obra **A Evolução Criadora**, Bergson aborda a questão de maneira interessante, e quando trata da Vida em seu progresso, uma temática relacionada à Ciência e à Metafísica, vai dizer que:

*“(...) nossa lógica é dos sólidos, e que, por isso mesmo, nossa inteligência triunfa na geometria, na qual se revela o parentesco do pensamento lógico com a matéria inerte e na qual basta à inteligência seguir seu movimento natural, após o mais leve contato possível com a experiência, para ir de descoberta em descoberta, com a certeza de que a experiência segue logo atrás dela e lhe dará invariavelmente razão”.*

Esse é o proceder cartesiano, a maneira como “funcionamos” enquanto seres humanos, tendendo à racionalidade.

*“Mas (...) nosso pensamento, sob sua forma puramente lógica, é incapaz de se representar a verdadeira natureza da vida, (...) movimento evolutivo”.*

Bergson afirmará, ao longo desta reflexão, que evoluir é criar, até mais do que isso, criar criação.

*“(...) No entanto, a filosofia evolucionista não hesita em estender às coisas da vida os procedimentos de explicação que funcionaram para a matéria bruta. (...) se defronta, no meio do caminho, com dificuldades tão formidáveis, vê sua lógica desembocar aqui em tão estranhas contradições, que rapidamente renuncia a sua ambição primeira. Não é mais a própria realidade, diz ela, que irá recompor, mas apenas uma imitação do real, ou antes uma imagem simbólica; a essência das coisas nos escapa e sempre nos escapará, movemo-nos em meio a relações, o absoluto não é de nossa alçada, detenhamo-nos frente ao incognoscível. Mas eis aí realmente, depois de muito orgulho para a inteligência humana, um excesso de humildade.”*

Henri-Louis Bergson quer nos dizer que tanto a ciência, com suas hipóteses lógicas e a prática experimental, quanto a filosofia primeira, a metafísica das coisas raciocinadas a priori, ambas parecem se deter diante da (im)possibilidade do conhecimento do absoluto, mas que essa kantiana humildade resignada estaria equivocada. Ele propõe uma **metafísica da duração**, ou melhor dizendo, uma **filosofia que se valha da intuição**, enquanto método cognitivo. Num ensaio denominado **Introdução à Metafísica**, de 1903, ele vai apresentar essa filosofia e suas relações com a ciência. Vamos a alguns trechos, e para iniciar, quando o filósofo parisiense quer precisar o significado dos termos metafísica e ciência:

*“Nada impediria de chamar metafísica ou ciência (...) toda espécie de conhecimento. Poderíamos (...) englobar tudo na metafísica. Contudo, é incontestável que o conhecimento aponta para uma direção bem definida quando dispõe seu objeto em **vista da medida**, e que marcha em sentido diferente, inverso mesmo, quando se libera de todo pressuposto de relação e de comparação para **simpatizar** com a realidade. Mostramos que o primeiro método conviria ao estudo da matéria, e o segundo ao do espírito, que há aliás interferência recíproca dos dois objetos, e que **os dois métodos devem prestar-se auxílio mutuamente**. No primeiro caso tratamos com o **tempo espacializado e com o espaço**; no segundo com a **duração real**. Pareceu-nos cada vez mais útil (...) chamar “científico” o primeiro tipo de conhecimento e “metafísico” o segundo.”*

Tratando do método da *experimentação*, que fragmenta o **objeto a ser conhecido**, na busca do eu (a ciência entrando na diversidade) para poder compreendê-lo (assim chegaria à unidade), e a relação de semelhança ou dessemelhança desta empreitada com o conhecimento puramente obtido *a partir da razão*, que formaria o conceito de unidade do eu, portador das diversidades, ao propor esse exemplo, Bergson vai nos dizer:

*“(...) Vejo aqui entre o empirismo e o racionalismo esta única diferença: o primeiro, procurando a unidade do eu nos interstícios dos estados psicológicos, é levado a preencher esses interstícios com outros estados, e assim indefinidamente, de maneira*

*que o eu, apertado em um intervalo que vai sempre diminuindo, tende para zero na medida em que se leva mais longe a análise. Já o racionalismo, fazendo do eu o lugar onde os estados se alojam, se põe em presença de um espaço vazio cujo limite não se tem mais razão para colocar aqui do que acolá, (...) vai sempre se alargando e tende a perder-se, não mais no zero, mas no infinito. (...) Enfim **a filosofia não consiste em escolher conceitos e em tomar partido entre escolas, mas procurar uma intuição única, da qual descendemos aos diversos conceitos**, pois nos colocamos acima das divisões de escolas. (...) o que importa verdadeiramente para a filosofia é saber que unidade, que multiplicidade, que realidade superior ao uno e ao múltiplo, abstratos, é a unidade múltipla da pessoa. **E ela só o saberá se se reapoderar da intuição simples do eu pelo eu. Então, conforme os degraus que escolher para descer desse topo, chegará à unidade ou à multiplicidade ou a qualquer outro conceito, pelos quais tentamos definir a vida movente da pessoa. Mas nenhuma combinação destes conceitos dará algo que se assemelhe à pessoa que dura.**”*

Para o filósofo, os conceitos e as experiências são figuras imobilizadoras, fotografias tiradas daquilo que se movimenta constantemente, e essas fotos não representam a totalidade da coisa, como representaria um filme, que, metaforicamente, seria como se nos colocássemos no movente, por um ato de afinidade, ou simpatia. O entendimento teria, para ele, a necessidade de cristalizar o fluido, para com essa simplificação, fazer análises e tentar se aproximar daquilo que, verdadeiramente, é movimento.

*“Filosofar consiste em inverter a marcha habitual do trabalho do pensamento, (...) um dos objetivos da metafísica [que se vale da intuição] é operar diferenciações e integrações qualitativas [se referindo às operações matemáticas usadas em grandezas quantitativas, como funções do espaço tempo, que podem determinar respectivamente taxas de variação, como acelerações, ou energia, gerada / despendida ao longo do tempo, -realizar trabalho], é preciso não esquecer que a quantidade é sempre a qualidade em estado nascente.”* Ele parece querer nos mostrar que são possíveis operações diferenciais e integrais criativas, geradoras de “grandezas qualitativas”, e que essas derivações e integrações são fruto do trabalhar criador do espírito, quando ele busca ora o caminho da vida, ora o da matéria, por vezes a intuição, por vezes a intelectualidade.

Mas como aproximar essas visões, que aparentam ser tão diferentes entre si, o cientificismo em contrapartida a qualquer metafísica possível, sem considerar que, “pela maneira que estamos,” captamos imagens recortadas e imobilizadas daquilo que se move, com a fluidez de um rio, essas fotografias nada mais são do que instantâneos, retirados de um filme que dura?

*“O entendimento, cuja função é operar sobre elementos estáveis, pode procurar a estabilidade quer nas relações, quer nas coisas. Enquanto trabalha sobre conceitos de relações, desemboca no simbolismo científico, enquanto opera sobre conceitos das coisas, desemboca no simbolismo metafísico. (...) poderíamos crer que os primeiros cavaram, sob a realidade, um túnel profundo, que os outros construíram, por cima dela, uma ponte elegante, mas que o rio movente das coisas passa entre estas duas obras de arte, sem as tocar.”*

A ciência e a metafísica do conhecimento a priori, enquanto compartimentos estanques, se aproximam do cognoscível, sem o apreender. São, de certa maneira,

instrumentos válidos, mas devemos voltar ao exemplo inicial do conhecimento do eu, onde Bergson vai concluir:

*“Mesmo para o contato direto do eu com o eu, o esforço definitivo de intuição seria impossível para quem não tivesse reunido e confrontado um número muito grande de análises psicológicas. Os mestres da filosofia moderna foram homens que assimilaram todo o material da ciência de seu tempo. (...), mas a intuição metafísica, embora só possamos chegar a ela pelos conhecimentos materiais, é coisa diferente de um resumo ou uma síntese de conhecimentos. (...) Nada tem em comum com uma generalização da experiência, (...) é a experiência integral.”*

São ideias bastante avançadas para o seu tempo, e até para os dias de hoje. O cientista filósofo, que não restringe suas hipóteses e o universo dos testes a que se dedica a nenhum campo, ou metodologia de conhecimento, é uma categoria de pesquisador que surgirá, é será responsável por um grande avanço, pois colaborará com seu parceiro, o filósofo que se apoia na ciência, na busca integrada de uma verdade. Esses ramos do conhecimento, a ciência do absoluto, e a metafísica intuitiva, conhecedoras da essência divina, serão fontes criadoras, irmanadas e promotoras da evolução.

Mas aqui deveríamos lembrar que esse tema não foi pouco abordado por Kardec ao longo de seus escritos, e que, ao qualificar o Espiritismo como ciência filosófica, de cunho psicológico, e ao mesmo tempo, como uma ciência de observação, o mestre lionês tanto o insere no contexto acadêmico de seu tempo, quanto o coloca como ligação entre a metafísica e a ciência praticada à época, dialogando, inclusive, ao longo das diversas edições da **Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos**, com filósofos de todas as linhas e pensadores religiosos, procurando demonstrar a universalidade da Filosofia Espírita, nos moldes propostos (resguardando as diferenças conceituais), posteriormente, por Bergson, para a filosofia da duração.

Por considerar a Natureza como o todo das condições materiais e espirituais, ao explicar, conforme a visão espírita, a união primordial do princípio inteligente ao elemento material, formando o real, os estudos psicológicos do Espiritismo não se restringem a qualquer hipótese ou cenário, pelo contrário, os devem incluir, por pertencentes à natureza humana. Vejamos alguns trechos de Kardec e os Espíritos:

*“O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações. O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”*

Sendo, portanto, filosofia primeira e filosofia enquanto balizadora da ciência de observação, portanto experimental, faz, em sua abrangência, o que fazem as duas:

*“se relaciona com todos os problemas da Humanidade. Seu campo é imenso e devemos encará-lo sobretudo quanto às suas consequências,”* sendo assim a religião do filósofo espírita, no sentido spinozista do termo, pois *“é a Doutrina que funda os vínculos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza”*

## 2- O ponto de partida da filosofia bergsoniana é o conceito de duração. Em que consiste? Dê um exemplo de sua aplicação na metafísica espírita.

Para Bergson, a duração é o tempo da consciência geral, ou mesmo da objetiva, (do Espírito absoluto ou espírito), sem estruturas condicionantes, como as palavras que apenas descrevem o cognoscível, não é como a racionalidade objetiva do relógio, que mede intervalos sucessivos, de dimensão constante, ou seja, divididos no espaço, mas sim, **a duração é o tempo real do espírito**, vivido em seu escorrer fluido, estados psicológicos que se superpõem, em transição qualificadora imperceptível. No primeiro capítulo de **A Evolução Criadora**, o filósofo explica:

*“Se nossa existência fosse composta por estados separados cuja síntese tivesse que ser feita por um "eu" impassível, não haveria duração para nós. Pois um eu que não muda, não dura, e um estado psicológico que permanece idêntico a si mesmo, enquanto não é substituído pelo estado seguinte, tampouco dura.”*

Ao lidar com o tempo da sucessão, mensurável pelo cronômetro da razão científica (espaço-tempo espacializado), percebemos essa tentativa de representar a duração como:

*“(...) sólidos enfiados no sólido [que] nunca resultarão na duração que flui. A verdade é que obtemos assim uma imitação artificial da vida interior, um equivalente estático que se prestaria melhor às exigências da lógica e da linguagem, justamente porque o tempo real terá sido dele eliminado.”*

A colocação acima talvez já funcione como crítica pertinente à psicologia dos dias de hoje, que aristotelicamente classifica o virtual, como se fosse material. Mas a duração, nas palavras de Bergson:

*“(...) quanto à vida psicológica, tal como se desenrola por sob os símbolos que a recobrem, percebe-se sem dificuldade que o tempo é o tecido mesmo de que ela é feita. (...) tecido mais resistente e substancial, pois nossa duração não é um instante que substitui um instante (...). A duração é o progresso contínuo do passado que rói o porvir e que incha ao avançar. Uma vez que o passado aumenta incessantemente, também se conserva indefinidamente. A memória, (...) não é uma faculdade de classificar recordações em uma gaveta ou de inscrevê-las em um registro.”*

O passado conserva-se, vai se acumulando indefinidamente, queira ou não a personalidade (ou ego), e vai constituindo o inconsciente de uma individualidade em formação ou plena, isso quando não é fundamental “*para iluminar a situação presente*”, e resultar em posturas criadoras, ou mantenedoras da vida.

A duração é o substrato onde se forma a memória do espírito, ou quem sabe, a memória que é o espírito, em sua consciência individuada ou na integralidade. Pois, conforme a Filosofia Espírita, o “*espírito é o princípio inteligente do Universo e a inteligência é um atributo essencial do espírito; mas um e outro se confundem num princípio comum, de maneira que, para vós, são uma e a mesma coisa*”. Esse atributo inteligência se refere à essência do espírito (embora Bergson se valha de outra terminologia) entendendo que ele deva abranger faculdades em potência, que se desenvolvem em ato, ou seja, **instinto, automatismos, pensamento em processo de se tornar**

**constante, consciência de si, razão, vontade, intuição**, todas essas informações e faculdades desenvolvidas paralelamente uma à outra pelo princípio inteligente, fonte comum a elas, são, bergsonicamente falando, criações do espírito, que serão, no Espírito, memória total da duração, identificação de si, e posse dos os automatismos que lhe permitiram chegar a esse ponto.

Em **O Livro dos Espíritos**, já mencionado acima nas *questões 23 e 24*, temos exemplo de trajetórias na duração, que é o tempo no qual o princípio espiritual, (virtualidade substancial que se valerá da matéria, para Bergson, a consciência geral distendida em graus e ramais), se desenvolve, criando percursos para a elaboração intelectual, ou manutenção e complexificação da vida orgânica, em seu crescimento possibilitador de uma ramificação da unidade diferenciada, sempre em frente, como diria Bergson, guardando o que passou, tomando consciência de si enquanto Espírito simples e ignorante, que transitou pelos reinos diversos da natureza, armazenando os subsídios que utilizará, para responder aos estímulos, decidir e agir por si mesmo, como diria Kardec (e Bergson). A duração é o tempo em que o ente conhece a si mesmo, auto-observação, em constante transformação, atenção à essência que é movimento qualitativo, e, portanto, criação evolutiva:

**“190. Qual é o estado da alma em sua primeira encarnação?”**

*-O estado da infância na vida corpórea. Sua inteligência apenas desabrocha: ela ensaia para a vida.*

**606. De onde tiram os animais o princípio inteligente que constitui a espécie particular de alma de que são dotados?**

*-Do elemento inteligente universal.*

**606-a. A inteligência do homem e a dos animais emanam, portanto, de um princípio único?**

*-Sem nenhuma dúvida; mas no homem ela passou por uma elaboração que a eleva sobre a dos brutos.*

**607. Ficou dito que a alma do homem, em sua origem, assemelha-se ao estado de infância da vida corpórea, que a sua inteligência apenas desponta e que ela ensaia para a vida. Onde cumpre o Espírito essa primeira fase?**

*-Numa série de existências que precedem o período que chamais de Humanidade.*

**607-a. Parece, assim, que a alma teria sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação?**

*-Não dissemos que tudo se encadeia na Natureza e tende à unidade? É nesses seres, que estais longe de conhecer inteiramente, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco, e **ensaia para a vida**, como dissemos. É, de certa maneira, um trabalho preparatório, como o da germinação, em seguida ao qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. É então que começa para ele o período de humanidade, e com este a consciência do seu futuro, a distinção do bem e do mal e a responsabilidade dos seus atos. (...) Reconheci a grandeza de Deus*

*nessa admirável harmonia que faz a solidariedade de todas as coisas na Natureza. Crer que Deus pudesse ter feito qualquer coisa sem objetivo e criar seres inteligentes sem futuro, seria blasfemar contra a sua bondade, que se estende sobre todas as suas criaturas.*

**608. O Espírito do homem, após a morte, tem consciência das existências que precederam, para ele, o período de humanidade?**

*-Não, porque não é senão desse período que começa para ele a vida de Espírito, e é mesmo difícil que se lembre de suas primeiras existências como homem, exatamente como o homem não se lembra mais dos primeiros tempos de sua infância, e ainda menos do tempo que passou no ventre materno. Eis porque os Espíritos vos dizem que não sabem como começaram. (Ver item 78).*

**609. O Espírito, tendo entrado no período de humanidade, conserva os traços do que havia sido precedentemente, ou seja, do estado em que se encontrava no período que se poderia chamar anti-humano?**

*-Isso depende da distância que separa os dois períodos e do progresso realizado. Durante algumas gerações ele pode conservar um reflexo mais ou menos pronunciado do estado primitivo, porque nada na Natureza se faz por transição brusca; há sempre anéis que ligam as extremidades da cadeia dos seres e dos acontecimentos. Mas esses traços desaparecem com o desenvolvimento do livre arbítrio. Os primeiros progressos se realizam lentamente, porque não são ainda secundados pela vontade, mas seguem uma progressão mais rápida, à medida que o Espírito adquire consciência mais perfeita de si mesmo.*

**610. Os Espíritos que disseram que o homem é um ser à parte na ordem da Criação enganaram-se, então?**

*-Não, mas a questão não havia sido desenvolvida, e há coisas que não podem vir senão a seu tempo. O homem é, de fato, um ser à parte, porque tem faculdades que o distinguem de todos os outros e tem outro destino. A espécie humana é a que Deus escolheu para a encarnação dos seres que podem conhecer.”*

O filósofo José Herculano Pires, na tradução que fez, pela ocasião do centésimo aniversário da 1ª edição de **O Livro dos Espíritos**, fará citações pertinentes ao assunto, na sua *Introdução ao Livro dos Espíritos*:

*“Convém notar, entretanto, que o desenvolvimento de todas essas questões não representa, em nenhum caso, a modificação dos princípios firmados neste livro. Às vezes, problemas apenas a florados em "O Livro dos Espíritos" vão ser desenvolvidos de tal maneira em outras obras, que, ao lê-las, temos a impressão de encontrar novidades. A verdade, entretanto, é que neste livro eles já foram assinalados de maneira sintética. É o que ocorre, por exemplo, com o problema da evolução geral, definida por Leon Denis naquela frase célebre: "A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem" [Da bela obra do filósofo de Tours, O Problema do Ser e do Destino]. Veja-se, a este respeito, a definição do item 540 deste livro, que para maior fidelidade a reproduzimos. "É assim que tudo serve, tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo. Admirável*

*lei de harmonia, de que o vosso Espírito limitado ainda não pode abranger o conjunto!"*"

Em nota de rodapé, na mesma tradução, Herculano fará referência a Bergson:

*“Henri Bergson, porém, em A Evolução Criadora desenvolveu a teoria do elã vital, segundo a qual todo o curso da evolução, partindo da matéria mais densa, dirige-se à liberação da consciência no homem, aparecendo este como o fim último da vida na Terra. Essa é a tese espírita da evolução, até aos limites da vida terrena. Mas o Espiritismo vai além, admitindo a "escala dos mundos", através da qual a evolução se processa no infinito, sempre com a finalidade da perfeição. (N. do T.)”*

Mais ao final reproduziremos um trecho desta reflexão de Bergson. Para ele o planeta, a matéria como um todo, e inclusive a vida ligada a ele planeta, e a ela matéria, como o caso do homem, é, metaforicamente, uma maior ou menor distensão da substância na duração, essas ramificações na duração se dão em diversas linhas, como saberíamos localizar o que não tem lugar, por pertencer ao metafísico? Como localizar a consciência e a memória?

Bergson, na obra **A Energia Espiritual (1919)**, dirá que *“visivelmente uma força trabalha diante de nós, procurando se libertar dos obstáculos e ultrapassar-se, em primeira instância tirar de si tudo o que tem, e depois, mais do que possui. Como definir de outra maneira o espírito? (...) a força do espírito é tirar de si mais do que contém. (...) a matéria torna possível o esforço. O pensamento, que é apenas pensamento, obra de arte apenas concebida, e poema apenas sonhado, [esse pensamento] não custa muito, mas a realização do poema em palavras, da arte sonhada em um quadro, [eis o que requer esforço], penoso, mas precioso, mais valioso do que a obra em si, pois a partir dele tiramos de nós mesmos mais do que tínhamos, nos elevamos”*.

O princípio espiritual é potência criadora, é a própria vida que cria em suas diversas instâncias na materialidade, ou mesmo em estados menos distendidos da consciência, onde a substância seja tensão do Espírito.

### **3- O que significa conhecer por intuição, em termos bergsonianos?**

Bergson está certo, quando afirma que o quadro pintado à luz dos conceitos formulados pelo intelecto, não comporta a imagem do espírito, sempre em movimentação, o movente que ultrapassa os limites da moldura da lógica, e flui em sua plenitude, captável apenas pela intuição dele mesmo, o próprio espírito.

Porém, é também justo dizer, que Kant não está errado, quando afirma, em a **Crítica da Razão Pura**, que a razão, por si só, não tem as faculdades para conhecer o princípio das coisas, o âmbito da metafísica, a essência do absoluto. Ele preferiu, ao menos em suas obras mais conhecidas, se manter no interior da moldura do que era aceito à época dele, e trouxe uma contribuição inestimável, principalmente no que se refere à razão prática, querer ou dever.

Mas o que seria conhecer por intuição? Já vimos acima as limitações que Bergson aponta pertencerem ao intelecto cognoscente, tanto enquanto ele trabalha por indução, como quando opera dedutivamente. Na **Introdução à Metafísica**:



*“O entendimento, cuja função é operar sobre elementos estáveis, pode procurar a estabilidade quer nas relações, quer nas coisas. Enquanto trabalha sobre conceitos de relações, desemboca no simbolismo científico, enquanto opera sobre conceitos das coisas, desemboca no simbolismo metafísico. (...) poderíamos crer que os primeiros cavaram, sob a realidade, um túnel profundo, que os outros construíram, por cima dela, uma ponte elegante, mas que o rio movente das coisas passa entre estas duas obras de arte, sem as tocar.”*

Desta maneira, conhecer intuitivamente é se colocar em meio às águas, é participar deste fluir das coisas, é acompanhar o devir que é o próprio espírito, a substância, élan gerador das coisas e da vida, imanente a tudo, portanto, transcendente.

Se para o filósofo o élan vital é a substância, essência portadora de qualidades potenciais infinitas, virtualidade que se atualiza em graus diversos, nos vários ramos da natureza, que brotam e trilham os caminhos diversos na duração, a partir de sua raiz comum, esse impulso gerador do espírito; se nos galhos desta árvore da vida estão desde as partículas subatômicas, os cristais, as plantas, animais e a consciência humana, e o princípio espiritual é imanente a todos os seres; ao considerarmos as afirmações do filósofo, concluiremos que conhecer por intuição é voltar às origens, reconhecer na coisa, ente, ser, ou consciência objetiva a mesma proveniência, a mesma essência espiritual, em desenvolvimento em um dos seus ramos vitais, ou seja, afinizar, simpatizar ou sintonizar com o princípio espiritual é autoconhecimento, ontologia e gnosiologia, afinal, tratamos da mesma substância, nos diversos ramais qualitativos.

A professora Astrid Sayegh, em sua tese de doutoramento, apresentada à Universidade de São Paulo, **Bergson, A Consciência Criadora – Metafísica da Ciência** afirma que:

*“Efetivamente, o desenvolvimento do princípio espiritual identifica-se com o processo do método [de conhecimento], o objeto com o próprio método, a metafísica com a intuição, a ontologia com a gnosiologia.”*

Porém o espírito subjetivo, que chega ao reconhecimento de sua individualidade, e cuja capacidade crescente, conhecimento/ consciência/ razão/ memória, adquiridos na trajetória/duração, somente esse espírito, e a partir deste “momento da duração”, poderá, valendo-me aqui dos termos do filósofo, após a distensão no mundo para efetivar o pensamento que é abstrato, tensionar para reconhecer sua essência, autoconhecer-se, enquanto constituinte do absoluto. Conhecer o próximo, enquanto semelhante, de mesma proveniência e condição. Simpatizar com o cognoscível é criar afinidades, relações criadoras, colaborar com a coletividade, mesmo imerso na distensão que afrouxa a relação com o absoluto, dificulta a percepção de todo processo, mas que conforme a Doutrina Espírita, é uma escolha que foi feita pelo próprio Espírito (espírita), para sua própria construção.

Da obra **A Energia Espiritual** de 1919, temos o trecho abaixo:

*“(...) no homem o movimento vital prossegue sem obstáculos, (...) **corrente indefinidamente criadora da vida moral.** (...) levado a se apoiar na totalidade de seu passado para avaliar (...) o seu futuro, é o grande êxito da vida. (...) [homem] criador*

*por excelência (...) é capaz de intensificar a ação de outros homens, iluminar núcleos de generosidade. (...) são reveladores da verdade metafísica. Eles podem estar no ponto culminante da evolução, mas seguem perto das origens, tornam sensível para nós [o élan] que vem do fundo. (...) tratemos de experimentar simpaticamente o que eles experimentam, se queremos penetrar, por um ato de intuição, até o próprio princípio da vida. Para penetrar nos mistérios das profundezas, é preciso, por vezes, visar os cimos. O fogo do centro da Terra só aparece no cume dos vulcões. “*

A duração bergsoniana é a localização metafísica onde se passa o movimento de criação, é onde se dá a intuição, o conhecimento imediato que transforma qualitativamente o ser, o autoconstruir-se do espírito em sua *temporalidade real*, que acumula tudo que já foi passado no presente que virá a ser, intuir é, portanto, aboletar-se no tempo real do Espírito, que pode contemplar-se. Conhecer por intuição é mergulhar no rio da memória, onde as águas do princípio inteligente, plenas de passado presente, esboçam o futuro num mesmo instante real da duração.

#### **4- A memória hábito e a memória espiritual tem algum equivalente na Filosofia Espírita?**

Quando me deparei com esta questão, pensei em recolher nos escritos de Bergson, em **Matéria e Memória e Evolução Criadora**, os subsídios para compreender a pergunta que agora me faço: onde residiria a memória, na matéria ou no espírito (ou em ambos?). Esclareço o que pretendo apreender, ao fazer nova indagação, referindo-me à mônada de Leibniz, que poderia, como exemplo, ser uma célula, pertencente a um órgão, que fosse parte do cérebro de um mamífero, ou ainda essa mônada, sem descaracterizar o exemplo, poderia reger uma organela, pertencente à essa célula, enfim, o objeto do meu divagar são as “lembranças” de algum pequeno organismo vivo. O que busco é responder se esse ente, uma partícula de vida, um fragmento, caso fosse considerado, enquanto espírito (sua essência), à maneira espírita, e até mesmo conforme Bergson, como e onde ele guardaria algo de sua experiência existencial, (a memória é guardada em algum lugar? Agostinho de Hipona propõe em **Confissões** que “*Estes conhecimentos estão como que retirados em um lugar mais íntimo, que não é lugar.*”), o que fundamentaria uma mudança qualitativa, criativa, evolução da vida ou espírito(?), em outras palavras, como ela, mônada, poderia “mudar de patamar”, enquanto espírito, operar diferenciações, e se aproximar da consciência de si, valendo-se de sua “experiência passada”?

O “*desencarne de um ente célula*”, com a morte do animal a que ela “*pertencia*”, permitiria que esse ser levasse um acréscimo na bagagem, em outras palavras, como manter informação, se é verdadeira a ideia que se faz da total inconsciência de si destes entes?

Seria possível para essa entelúquia *levar* (sempre querendo localizar as coisas) para uma espécie de consciência geral, do qual ao mesmo tempo ela se valeria(?), o conteúdo de sua experiência, o que possibilitaria um mínimo acréscimo em alguma de suas faculdades? Ela mesma guarda em si sua bagagem? Se não ocorre consciência de si mesmo (será que nem um pouco?), qual a explicação para esse fenômeno que observamos por meio da ciência, a evolução da matéria dos corpos, a complexificação e ramificação crescente da linha evolutiva dos organismos vivos, e não atribuir isso às propriedades da matéria, ou a uma ação direta de Deus?

Ao reler o que escrevi nas linhas acima, constato a dificuldade, apontada inclusive por Bergson, de transcender a racionalidade, a lógica dos conceitos, a espacialização do

tempo e localidade. Recorro novamente aos escritos da professora Astrid, na já citada tese de doutorado, que rapidamente me esclarecerá que:

*“Se consciência significa memória e antecipação, é que consciência é sinônimo de escolha. Ao cindir-se, a consciência em geral se põe igualmente em condições divergentes, sacrificando-se da mesma maneira em cada uma. (...) A Consciência é coextensiva à vida, (...) formas de vida, enquanto expressão da duração existencial, poderão ser concebidas como estados de consciência, as tendências que definem as diferentes espécies nada mais seriam que estados psicológicos. Em um primeiro momento a consciência em geral, por uma distensão de si mesma estende-se na matéria, para poder manifestar-se e dela beneficiar-se.”* As primeiras formas minerais repetem-se em um ciclo fechado, não há necessidade de consciência no vegetal, que tem em si mesmo garantida sua subsistência, um torpor, adormecimento, que no animal se transformará em presença anulada, *“dada a adequação perfeita entre imagem e ação”* coincidentes na função orgânica do animal. *“Apenas no homem, a Consciência desperta, como espírito que se imortaliza.”*

Na existência, o ente pode ser representado como um estado de consciência inserido na consciência substancial, afinal tem ele ou não sua essência?

Bergson abordará toda esta trajetória do espírito na duração e o papel da memória, (o exemplo do cone, logo abaixo, nos esclarecerá). Entretanto, trago ainda à discussão a visão espírita sobre a origem do instinto, apresentada como hipótese por Kardec, em **A Gênese**. Como poderíamos relacionar essa hipótese ao tema da memória, ao espírito-ente e ao princípio espiritual ou elã vital? São muitas questões, que valem a pena ser investigadas, mesmo da maneira superficial que as formulo. Iniciemos com Bergson, como ele trata a questão da memória? E como ele insere o instinto e a inteligência em sua abordagem? Vamos ver, percorrendo aos poucos todas estas trajetórias de pesquisa:

*“A verdade é que a memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas, pelo contrário, num progresso do passado ao presente.”*

A abordagem de Bergson, presente na conclusão de **Matéria e Memória**, parece ser de que a memória é um atributo do espírito que dura, consciência geral em suas instâncias, e alimenta o presente com o que já foi passado, se incorporando ao que é e está, a memória possibilitadora do recriar, a cada momento, qualitativamente. Mas o filósofo reconhece uma “separação” entre o conteúdo total desta memória e um outro específico, ligado à repetição apreendida, e armazenada em um “repartimento” inserido na totalidade da “consciência” do ser. A primeira é ligada à duração, ao espírito enquanto armazenador, e a segunda ao uso repetido de determinados conteúdos, contidos nesse todo, e que se tornam aplicáveis na prática:

*“(…) poderíamos representar-nos duas memórias **teoricamente** independentes. A primeira registraria, sob forma de imagens-lembranças, todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam; ela não negligenciaria nenhum detalhe; atribuiria a cada fato, a cada gesto, seu lugar e sua data. Sem segunda intenção de utilidade ou de aplicação prática, armazenaria o passado pelo mero efeito de uma necessidade natural. Por ela se tornaria possível o reconhecimento inteligente, ou melhor, intelectual, de uma percepção já experimentada; nela nos refugiaríamos todas as vezes que remontamos, para buscar aí uma certa imagem, a encosta de nossa vida*

passada. Mas toda percepção prolonga-se em ação nascente; e, à medida que as **imagens**, uma vez percebidas, se **fixam** e se alinham nessa memória, os movimentos que as continuam modificam o organismo, **criam no corpo disposições novas para agir**. Assim se forma uma experiência de uma ordem bem diferente e que se deposita no corpo, uma série de mecanismos inteiramente montados, com reações cada vez mais numerosas e variadas às excitações exteriores, com réplicas prontas a um número incessantemente maior de interpelações possíveis.

Tomamos consciência desses mecanismos quando eles entram em jogo, e essa consciência de todo um passado de esforços armazenado no presente **é ainda uma memória, mas uma memória profundamente diferente da primeira**, sempre voltada para a ação, assentada no presente e considerando apenas o futuro. Esta só reteve do passado os movimentos inteligentemente coordenados que representam seu esforço acumulado; ela reencontra esses esforços passados, **não em imagens-lembranças que os recordam, mas na ordem rigorosa e no caráter sistemático** com que os movimentos atuais se efetuam. A bem da verdade, ela já não nos representa nosso passado, ela o encena; e, se ela merece ainda o nome de memória, já não é porque conserve imagens antigas, mas porque prolonga seu efeito útil até o momento presente.”

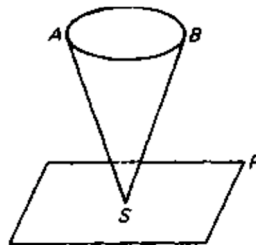
Dessas duas memórias, das quais uma imagina e a outra repete, a segunda pode substituir a primeira e frequentemente até dar a ilusão dela. (...) a primeira parece, portanto, ser efetivamente a memória por excelência. A segunda, aquela que os psicólogos estudam em geral, é antes o hábito esclarecido pela memória do que a memória propriamente. (...) deverá, portanto, inibir constantemente a primeira, ou pelo menos aceitar dela apenas o que é capaz de esclarecer e completar utilmente a situação presente: deste modo se deduzem as leis da associação de ideias. (...) que concerne às coisas aprendidas, de que modo as duas memórias vão aqui lado a lado e prestam-se um mútuo apoio”.

O passado se armazena sob essas “**duas formas extremas**, de um lado os mecanismos motores que o utilizam, de outro as imagens-lembranças pessoais que desenham todos os acontecimentos dele com seu contorno, sua cor e seu lugar no tempo. (...) A primeira, conquistada pelo esforço, permanece sob a dependência de nossa vontade; a segunda, completamente espontânea, é tanto volúvel em reproduzir quanto fiel em conservar”.

São, conforme Bergson afirma: “**uma, fixada no organismo**, não é senão o conjunto dos mecanismos inteligentemente montados que asseguram uma réplica conveniente às diversas interpelações possíveis. Ela faz com que nos adaptemos à situação presente, e que as ações sofridas por nós se prolonguem por si mesmas em reações ora efetuadas, ora simplesmente nascentes, mas sempre mais ou menos apropriadas. **Antes hábito do que memória**, ela desempenha nossa experiência passada, mas não evoca sua imagem. **A outra é a memória verdadeira**. Coextensiva à consciência, ela retém e alinha uns após outros todos os nossos estados à medida que eles se produzem, dando a cada fato seu lugar e conseqüentemente fixando-lhe a data, movendo-se efetivamente no passado definitivo, e não, como a primeira, num presente que **recomeça a todo instante**. Mas, ao distinguir profundamente essas duas formas da memória, não havíamos mostrado seu vínculo. Acima do corpo, com seus mecanismos que simbolizam o esforço acumulado das ações passadas, a memória que imagina e que repete pairava, suspensa no vazio. Mas, se nunca percebemos outra coisa que não nosso passado imediato, se nossa consciência do presente é já memória, os dois termos que

*háviamos separado de início irão fundir-se intimamente. Considerado desse novo ponto de vista, com efeito, nosso corpo não é nada mais que a parte invariavelmente renascente de nossa representação, a parte sempre presente, ou melhor, aquela que acaba a todo momento de passar. Sendo ele próprio imagem, esse corpo não pode armazenar as imagens, já que faz parte das imagens; por isso é quimérica a tentativa de querer localizar as percepções passadas, ou mesmo presentes, no cérebro: elas não estão nele; é ele que está nelas. Mas essa imagem muito particular, que persiste em meio às outras e que chamo meu corpo, constitui a cada instante, como dizíamos, um corte transversal do universal devir. Portanto é o lugar de passagem dos movimentos recebidos e devolvidos, o traço de união entre as coisas que agem sobre mim e as coisas sobre as quais eu ajo, a sede, enfim, dos fenômenos sensório-motores.*

Temos acima a explicação sobre a relação da memória com os automatismos do corpo, sempre em maior grau de complicação, com qualificação crescente, bem como com as lembranças integrais do Espírito, vivenciadas e armazenadas no presente-passado da duração. Parecem ser uma só e a mesma coisa, a consciência, mais ou menos representada em sua distensão, até à imagem do corpo. Bergson ainda vai explicar melhor:



*“Se eu representar por um cone SAB a totalidade das lembranças acumuladas em minha memória, a base AB, assentada no passado, permanece imóvel, enquanto o vértice S, que figura a todo momento meu presente, avança sem cessar, e sem cessar também toca o plano móvel P de minha representação atual do universo. Em S concentra-se a imagem do corpo; e, fazendo parte do plano P, essa imagem limita-se a receber e a devolver as ações emanadas de todas as imagens de que se compõe o plano.*

*A memória do corpo, constituída pelo conjunto dos sistemas sensório-motores que o hábito organizou é, portanto, uma memória quase instantânea à qual a verdadeira memória do passado serve de base. Como elas não constituem duas coisas separadas, como a primeira não é, dizíamos, senão a ponta móvel inserida pela segunda no plano movente da experiência, é natural que essas duas funções se prestem um mútuo apoio. Por um lado, com efeito, a memória do passado apresenta aos mecanismos sensório-motores todas as lembranças capazes de orientá-los em sua tarefa e de dirigir a reação motora no sentido sugerido pelas lições da experiência: nisto consistem precisamente as associações por contiguidade e por similitude. Mas, por outro lado, os aparelhos sensório-motores fornecem às lembranças impotentes, ou seja, inconscientes, o meio de se incorporarem, de se materializarem, enfim, de se tornarem presentes. Para que uma lembrança reapareça à consciência, é preciso com efeito que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso onde se realiza a ação. Em outras palavras, é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida.*

*Não é pela firmeza desse acordo, pela precisão com que essas duas memórias complementares se inserem uma na outra, que reconhecemos os espíritos "bem equilibrados", isto é, os homens perfeitamente adaptados à vida?"*

A pergunta sobre a fonte do instinto vai sendo respondida, e Bergson parece encaminhar o seu raciocínio para postular como pertencente ao espírito que é memória, à consciência geral que se distende até a matéria, trazendo toda informação útil da duração. Mas o desenvolvimento e funcionamento automático do sistema digestivo humano não parece, à primeira vista, ser a mesma coisa que uma migração de aves no verão, a organização do formigueiro ou a construção da casa do João de Barro. Quando eu digo parece não ser a mesma coisa, fala aqui o senso comum, e podem estar sim intrinsecamente relacionadas, duas vertentes do mesmo fluxo. O estudo do *instinto e da inteligência* vai nos esclarecer.

Bergson continuou sua investigação em **A Evolução Criadora**. Kardec, em **O Livro dos Espíritos**, no final da parte primeira, nos trouxe a palavra da espiritualidade superior, assim como em **A Gênese**, formulou suas hipóteses, no capítulo III. Vamos primeiro à Filosofia Espírita:

**“71. A inteligência é um atributo do princípio vital?”**

*- Não: pois as plantas vivem e não pensam, não tendo mais do que vida orgânica. A inteligência e a matéria são independentes, pois um corpo pode viver sem inteligência, mas a inteligência só pode manifestar-se por meio dos órgãos materiais: somente a união com o espírito dá inteligência à matéria animalizada.*

A inteligência é uma faculdade especial, própria de certas classes de seres orgânicos, aos quais dá, com o pensamento, a vontade de agir, a consciência de sua existência e de sua individualidade, assim como os meios de estabelecer relações com o mundo exterior e de prover as suas necessidades.

Podemos fazer a seguinte distinção:

1º.) os seres inanimados, formados somente de matéria, sem vitalidade nem inteligência: são os corpos brutos;

2º.) os seres animados não pensantes, formados de matéria e dotados de vitalidade, mas desprovidos de inteligência;

3º.) os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade, e tendo ainda um princípio inteligente que lhes dá a faculdade de pensar.”

**“72. Qual é a fonte da inteligência?”**

*- Já o dissemos a inteligência universal.*

**72-a. Poder-se-ia dizer que cada ser tira uma porção de inteligência da fonte universal e a assimila, como tira e assimila o princípio da vida material?**

*- Isto não é mais que uma comparação, mas não exata, porque a **inteligência** é uma faculdade própria de cada ser e constitui a sua **individualidade moral**. De resto, bem o sabeis, há coisas que não é dado ao homem penetrar, e esta, por enquanto, é uma delas.”*

Agora os Espíritos tratam do instinto, e sua relação com a inteligência:

**“73. O instinto é independente da inteligência?”**

*-Precisamente, não, porque é uma espécie de inteligência. O instinto é uma inteligência não racional: é por ele que todos os seres provêm as suas necessidades.”*

O instinto parece ser ligado aos automatismos do corpo, às **respostas imediatas**, preservadoras e mantenedoras da vida, **não envolveria mediação, reflexão ou raciocínio**.

**“74. Pode-se assinalar um limite entre o instinto e a inteligência, ou seja, precisar onde acaba um e onde começa a outra?”**

*-Não, porque eles frequentemente se confundem: mas podemos muito bem distinguir os atos que pertencem ao instinto dos que pertencem a inteligência.*

**75. É acertado dizer que as faculdades instintivas diminuem, à medida que crescem as intelectuais?**

*-Não. O instinto existe sempre, mas o homem o negligencia. O instinto pode também conduzir ao bem: ele nos guia quase sempre, e às vezes mais seguramente que a razão: ele nunca se engana.*

**75-a. Por que a razão não é sempre um guia infalível?**

*-Ela seria infalível se não estivesse falseada pela má educação, pelo orgulho e o egoísmo. **O instinto não raciocina; a razão permite ao homem escolher, dando-lhe o livre arbítrio.***

O instinto é uma inteligência rudimentar, que difere da **inteligência** propriamente dita por serem quase sempre espontâneas as suas manifestações, enquanto as daquela são o resultado de **apreciações e uma deliberação**.

O instinto varia em suas manifestações segundo as espécies e suas necessidades. Nos seres dotados de consciência e de percepção das coisas exteriores, ele se alia à inteligência, o que quer dizer, à vontade e à liberdade.”

A memória hábito bergsoniana de **Matéria e Memória** parece estar relacionada, quanto aos efeitos, ao instinto-automatismo, mas para ele a inteligência seria outra linha de desenvolvimento da Consciência em sua distensão. O filósofo ainda ressalva que cada individualidade dispõe de um e outra, em maior ou menor grau, por serem provenientes da mesma fonte. O instinto, conforme a descrição dos Espíritos, tem efeitos semelhantes aos da memória hábito, coexiste com a inteligência no espírito (princípio inteligente origem e essência). Mas qual a origem do providencial instinto para a Filosofia Espírita? Ainda devemos prosseguir com **A Gênese** e posteriormente em **A Evolução Criadora**. Continuemos com Kardec:

*“11. – Qual a diferença entre o instinto e a inteligência? Onde termina um e começa a outra? O instinto é ele uma inteligência rudimentar, ou então uma faculdade distinta, um atributo exclusivo da matéria?”*

***O instinto é a força oculta** que leva os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, visando à sua conservação. Nos atos instintivos, não existe nem reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, volta-se para a luz, encaminha suas raízes para a água e a terra nutritiva; (...) **que eles se dirigem,***

*conforme as estações, para os climas propícios; que constroem, sem lições preliminares, com maior ou menor arte, de acordo com a espécie, seus ninhos macios e abrigos para sua prole, (...) entre os homens o instinto domina exclusivamente no começo da vida, (...) a criança faz os primeiros movimentos, agarra o alimento, (...) ensaia para caminhar ou falar. (...)*

**12.** – *A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados conforme a oportunidade das circunstâncias. É incontestavelmente um atributo exclusivo da alma.*

*Todo ato mecânico é instintivo; o que denota reflexão e combinação é a inteligência; uma é livre, o outro não o é.*

*O instinto é um guia seguro que não se engana nunca; a inteligência, por sua vez, por ser livre, está sujeita a erros.*

*Se o ato instintivo não tem o caráter do ato inteligente, ele revela, entretanto, uma causa inteligente, **essencialmente providente.***

**13.** – *Conforme um outro sistema, o instinto e a inteligência teriam um só e mesmo princípio; chegado a um certo grau de desenvolvimento, este princípio que, à primeira vista, teria apenas as qualidades do instinto, experimentaria uma transformação que lhe daria as da inteligência livre; receberia, numa palavra, o que se convencionou chamar de centelha divina. Esta transformação não seria súbita, mas gradual, de tal sorte que, durante um certo período, estaria misturado das duas aptidões, a primeira diminuindo à medida que a segunda aumentasse. (...)*

**15.** – *Nesta ordem de ideias, podemos ir mais longe. Por mais racional que seja, **essa teoria não resolve todas as dificuldades** da questão. (...) Observando-se os efeitos do instinto, distingue-se, a princípio, uma unidade de vista e de conjunto, uma segurança de resultados que não existe mais desde que o instinto é trocado pela inteligência livre; ademais, à adequação tão perfeita e tão constante das faculdades instintivas às necessidades de cada espécie, é necessário reconhece-se uma profunda sabedoria. Esta unidade de visão não poderia existir sem a unidade de pensamento e, por consequência, com a multiplicidade das causas atuantes. Ora, em consequência do progresso que as inteligências individuais realizam incessantemente, há entre elas uma diversidade de aptidões e de vontades incompatível com esse conjunto tão perfeitamente harmonioso que se produziu após a origem dos tempos e em todos os climas, com uma regularidade e uma precisão matemáticas, sem jamais falhar. Esta uniformidade no resultado das faculdades instintivas é um fato característico que acarreta forçosamente a unidade da causa; se esta causa fosse inerente a cada individualidade, haveria tanto variedade de instintos quanto de indivíduos, desde os vegetais até o homem. Um efeito geral, uniforme e constante, deve ter uma causa geral uniforme e constante; um efeito que acuse sabedoria e providência deve ter uma causa sábia e providente. (...) Não encontrando nas criaturas encarnadas ou desencarnadas, as qualidades necessárias para produzir um tal resultado, torna-se preciso remontar mais alto, a saber, ao próprio Criador. (...) Esta solicitude é igualmente mais ativa quando o indivíduo tem menos recursos próprios em sua inteligência; é por isso que ela se mostra maior e mais absoluta entre os animais e nos entes inferiores aos homens.”*

Bergson vai abordar a questão em **A Evolução Criadora**, propondo que instinto e inteligência seriam direções divergentes da evolução impulsionada pelo elã vital, conforme a individualidade se volte mais para a vida ou a matéria. Da seguinte maneira:



*“Quer ela faça do instinto um "reflexo composto", quer um hábito inteligentemente contraído e tornado automatismo, quer ainda uma soma de pequenas vantagens acidentais acumuladas e fixadas pela seleção, em todos os casos a ciência pretende resolver completamente o instinto seja em manobras inteligentes, seja em mecanismos construídos peça por peça como os que nossa inteligência combina.*

*Mas, ainda que **não pertença ao território da inteligência, nem por isso o instinto está situado fora dos limites do espírito.** Em fenômenos de sentimento, em simpatias e antipatias irrefletidas, experimentamos em nós mesmos, sob uma forma bem mais vaga, e além disso, excessivamente penetrada de inteligência, algo daquilo que deve se passar na **consciência** de um inseto agindo por instinto.*

*(...) o instinto não pode ser um puro reflexo, [mas] se trata de algo diferente da inteligência, mesmo caída na inconsciência. O que quer isso dizer, senão que temos aí dois simbolismos igualmente aceitáveis por certos lados e, por outros, igualmente inadequados a seu objeto? A explicação concreta, não mais científica, mas metafísica, deve ser procurada em uma via inteiramente diferente, não mais na direção da inteligência, mas na da "simpatia".”*

Na diferenciação das linhas evolutivas que levarão a inteligência à racionalidade, Bergson possivelmente irá propor uma vertente instintiva que desembocará na intuição.

*“O instinto é simpatia. Se essa simpatia pudesse estender seu escopo e também refletir sobre si mesma, dar-nos-ia a chave das operações vitais- assim como a inteligência, desenvolvida e corrigida, nos introduz na matéria.*

*Pois, nunca é demais repeti-lo, a inteligência e o instinto estão voltados em dois sentidos opostos, aquela para a matéria inerte, este para a vida. A inteligência, por intermédio da ciência, que é obra sua, franquear-nos-á cada vez mais completamente o segredo das operações físicas; da vida, ela só nos traz e, aliás, só pretende nos trazer uma tradução em termos de inércia [fotos do filme]. Da a volta toda, tomando, de fora, o maior número possível de vistas desse objeto, que ela atrai para seu terreno, em vez de entrar no dele.*

*Mas é para o interior mesmo da vida que nos conduziria a **intuição, isto é, o instinto tornado desinteressado, consciente de si mesmo, capaz de refletir sobre seu objeto e de ampliá-lo indefinidamente.**”*

Bergson localiza a intuição no ser dotado de consciência de si, no Espírito que se immortalizou, segundo afirma a professora Astrid, e poderá agora racional, mas também intuitivamente atingir sua essência criadora, o divino imanente, não o Deus arquiteto, mas o espírito obreiro que foi e é instinto, inteligência, consciência de si, racionalidade, e agora intuição em potência.

*“Resumindo, se quiséssemos nos expressar em termos de finalidade, caberia dizer que a consciência, após ter sido obrigada, para libertar-se a si mesma, a cindir a organização em duas partes complementares, vegetais de um lado e animais do outro, procurou uma saída na dupla direção do instinto e da inteligência: não a encontrou como instinto, e só a encontrou, do lado da inteligência, por um salto brusco do animal para o homem. De modo que, em última análise, **o homem seria a razão de ser da organização inteira da vida sobre nosso planeta** [chegamos ao ponto de Herculano]. Mas isto não seria mais que uma maneira de falar. Só há, na verdade, uma determinada corrente de existência e a corrente antagonista; daí toda a evolução da vida. Cabe agora seguir de mais perto a oposição dessas duas correntes. Talvez descubramos assim uma fonte*

*comum a ambas. Assim fazendo, penetraremos também sem dúvida nas mais obscuras regiões da metafísica.”*

Bergson na procura de uma eventual origem comum engendradora do instinto e da inteligência, da vida e da possibilidade da matéria. Vamos acompanhá-lo em sua metafísica:

*“Em nosso primeiro capítulo, traçamos uma linha de demarcação entre o inorgânico e o organizado, mas indicávamos que o seccionamento da matéria em corpos inorganizados é relativo aos nossos sentidos e à nossa inteligência e que a matéria, considerada como um todo indiviso, deve ser antes um fluxo do que uma coisa. Ao fazê-lo, preparávamos o caminho para uma aproximação entre o inerte e o vivo. Por outro lado, mostramos em nosso segundo capítulo que essa mesma oposição se dá entre a inteligência e o instinto, este afinado com certas determinações da vida, aquela modelada com base na configuração da matéria bruta. Mas, acrescentávamos, instinto e inteligência destacam-se ambos sobre **um fundo único, que se poderia chamar, na falta de palavra melhor, a Consciência em geral, e que deve ser coextensivo à vida universal.***

*Desse modo, deixávamos entrever a possibilidade de engendrar a inteligência partindo **da consciência que a envolve**. Teria, então, chegado o momento de tentar uma gênese da inteligência ao mesmo tempo que uma gênese dos corpos, duas empresas evidentemente correlativas uma da outra, se é verdade que as grandes linhas de nossa inteligência desenham a forma geral de nossa ação sobre a matéria e que o detalhe da matéria se rege pelas exigências de nossa ação. Intelectualidade e materialidade ter-se-iam constituído, no detalhe, por adaptação recíproca. Ambas derivariam de uma forma de existência mais vasta e mais alta. É nesta última que se as deveria reinserir para as ver de ali surgirem.”*

A Consciência geral, ora consciência absoluta, ora princípio ou élan gerador, mantenedor e criador, se assemelha por demais com o princípio espiritual, inteligente, elemento substancial apresentado pela filosofia espírita, sempre unido ao elemento material, mas passíveis de distinção, de acordo com os Espíritos, por intermédio do pensamento. Mas talvez para o filósofo da duração, a Consciência geral seja um pouco mais. Bergson pinta com cores mais fortes essa substância única, que cria no tempo real da duração, e aí o motivo de dizer “pinta com cores mais fortes”, pois a apresenta, enquanto distensão de si mesma, como engendradora do elemento material. A matéria para ele é um fluxo, como se fosse um “fluido”, com olhos espíritas, quem sabe, um elemento material, princípio material. Mais alguns trechos, para fecharmos nosso entendimento (ou não, mas concluirmos essa já alongada reflexão). Caso possível, responderemos as questões propostas ao início dessa questão 4:

*“Na falta de palavra melhor, nós lhe demos o nome de consciência. Mas **não se trata dessa consciência diminuída que funciona em cada um de nós**. A consciência que nos é própria é a consciência de um certo ser vivo, localizado em um certo ponto do espaço; e, embora vá realmente na mesma direção que seu princípio, é incessantemente puxada no sentido inverso, obrigada, ainda que caminhe para a frente, a **olhar para trás**. Essa visão retrospectiva é, como mostramos, a **função natural da inteligência** e, por conseguinte, da **consciência distinta**. Para que nossa consciência coincidisse com algo de seu princípio seria preciso que se desprendesse do **já pronto** e se prendesse ao se fazendo. Seria preciso que a faculdade de ver, voltando-se e torcendo-se sobre si mesma,*

se tornasse uma só e mesma coisa que o ato de querer. Esforço doloroso, que podemos despender bruscamente violentando a natureza, mas não sustentar para além de alguns instantes.

Na ação livre, quando contraímos todo nosso ser para lançá-lo para a frente, temos a consciência mais ou menos clara dos motivos e dos móveis e mesmo, a rigor, do devir pelo qual estes se organizam em ato; mas o puro querer, a corrente que atravessa essa matéria comunicando-lhe a vida é algo que mal sentimos, algo que no máximo roçamos de passagem. Procuremos instalar-nos nele, nem que seja por um instante: mesmo então, será um querer individual, fragmentário, que apreenderemos. **Para chegar ao princípio de toda vida assim como de toda materialidade, seria preciso ir ainda mais longe.** Seria isso impossível? Não, certamente; a história da filosofia está aí para atestá-lo. **Não há sistema duradouro que não seja, em pelo menos algumas de suas partes, vivificado pela intuição.** A dialética é necessária para pôr a intuição à prova, necessária também para que a intuição se refrate em conceitos e se propague a outros homens; mas, com frequência, **não faz mais que desenvolver o resultado dessa intuição que a ultrapassa.** A bem dizer, as duas manobras são de sentido contrário: o mesmo esforço pelo qual ligamos ideias a ideias faz desvanecer a intuição que as ideias se propunham armazenar. **O filósofo é obrigado a abandonar a intuição assim que dela tiver recebido o élan e a fiar-se a si mesmo para continuar o movimento, empurrando agora os conceitos uns atrás dos outros.** Mas, bem rapidamente, sente que perdeu pé; um novo contato torna-se necessário; será preciso desfazer a maior parte daquilo que havia sido feito. Resumindo, a dialética é o que assegura o acordo de nosso pensamento consigo mesmo. Mas, por meio da **dialética - que não é mais que uma distensão da intuição -** muitos acordos diferentes são possíveis e, no entanto, **há apenas uma única verdade. A intuição, caso pudesse prolongar-se para além de alguns instantes, não asseguraria apenas o acordo do filósofo com seu próprio pensamento, mas ainda o de todos os filósofos entre si.** Tal como existe, fugidia e incompleta, é o que vale mais que o sistema e lhe sobrevive. **O alvo da filosofia seria atingido caso essa intuição pudesse manter-se, generalizar-se e, sobretudo, assegurar-se marcos exteriores para não se extraviar.** Para tanto, **faz-se necessário um vai-e-vem contínuo entre a natureza e o espírito.** [A Doutrina Espírita aborda, em diversos aspectos, esse vai-e-vem].”

Porém, estando quase a ponto de chamar a Consciência geral bergsoniana Deus, antes de fazê-lo, recorreremos às ponderações da professora Astrid:

“Poder-se-ia considerar a Consciência em geral como Deus? (...) não responde explicitamente (...) por vezes Bergson assimila Deus a uma supraconsciência, por vezes o confunde com o próprio impulso vital. (...) ao exaltar a unidade substancial em si mesma, que ao mesmo tempo se move no universo, não há como, sob a visão intuitiva, se distinguir Deus da substância.”

A Consciência em geral é a substância para Bergson, engendradora de tudo, dos entes, das coisas, a professora afirma que “princípio gerador e efeito constituem diferentes níveis ontológicos de um ser único. (...) A Consciência Criadora é virtualidade pura em atualização, e o ser individuado se mantém pela presença do Absoluto. Deste ponto de vista, unidade e imanência parecem triunfar. Deus não é mais Outro, assim como as criaturas não são outras de Si, mas Deus vem a ser o mais íntimo; o transcendente se revela na própria superação da imanência.”

A individualidade é preservada em todos os graus da substância, a imortalidade do Espírito consciente de si é sua memória na duração, não diria que a filosofia bergsoniana seja panteísta, e caso fizesse questão absoluta de conceituar (e Bergson provavelmente torceria o nariz para uma classificação) poderia tentar uma variação do panenteísmo, onde o movimento qualitativo criador da consciência fizesse com que o mundo em sua totalidade, atual e virtual, sempre a acompanhasse em suas “bordas”.

Em razão de, para Bergson, o ser individuado, que se reconhece como tal, adquirir a capacidade de escolher e ter ações que levem em conta o semelhante, o coletivo, essa é também uma doutrina moral. Conforme vimos, poderia se tratar de um monismo que acaba se tornando dualista, pois a substância possui gradações em sua movimentação qualitativa, e elas possibilitam materialidade e espiritualidade internas ao todo único, de cunho psicológico, multiplicidade de estados de consciência.

Já a Filosofia Espírita trata, a meu ver, espírito e matéria como externos à divindade, em razão de os encarar do ponto de vista do mundo, do ser em ato, racional. Mas ocorre uma trindade universal que é una, eterna, em razão da “criação” ter sempre “existido”, e a unidade sempre foi multiplicidade na duração da Consciência. Deus, o Pai, é transcendente e imanente em suas Leis, a consciência que é memória, as registrou, estão no cocriar do Espírito, tudo que existe na natureza, coisas e seres, tem como essência o princípio espiritual, o Filho na encarnação, distendido na matéria, para colocar em prática o virtual, também ele possui essa instância divina, o princípio inteligente, espécie de carimbo da divindade, que o faz criar criação, tirar de si o que não tem. Jesus disse que “*eu e o Pai somos um*”, e “*o Pai está em mim, e eu nele*”. Deus, Matéria e Espírito, e ousando um pouco, por que não, Pai, Filho e Espírito?

Vamos agora à pergunta que inicialmente me coloquei, e que terá respostas continuamente reformuladas, ao longo do estudo que continuarei desenvolvendo, na *duração* desse curso:

Perguntei onde residiria a memória, na matéria ou no espírito, ou em ambos, mas minha preocupação na verdade era com a individualidade do ser. Ao constatar que alguns automatismos parecem vir do, ou pertencer ao corpo, e pensando no menor dos fragmentos do ser, imaginei que a pouca inteligência, ou capacidade criadora de alternativas para a vida, inegavelmente conquistada por seu esforço, sua experiência, poderia se perder com a morte na materialidade. Me preocupei com a validade de seu esforço “individual”, embora ele talvez, nem minimamente, tenha consciência disso. Não me agradava um retorno impessoal a um coletivo de consciência, que só seria superado quando a trajetória chegasse à humanidade, ao Espírito.

Foi uma pergunta que, agora, noto estava equivocada. O espírito é essência dos entes, das coisas vivas ou inanimadas, é o que permanece, ou melhor, o ente é o espírito, interexistente, a localização perde o significado, onde estaria a consciência (?), é lá a localização das lembranças. A memória hábito nada mais sendo que uma distensão da consciência, contígua ao corpo, é parte de um todo de informações. A consciência é memória, não há localização, mas passagem do tempo real, a duração em curso.

Por esse ente não ter o que chamamos o poder consciente de escolher, imaginamos que ele seja determinado a agir, e pensamos em algo mecânico, uma causa externa, mas o que ele faz é manifestação da essência divina que o habita, criar, e não um mero

raciocinar por qual caminho dado lhe cabe percorrer; ele espírito cria o caminho, e a memória registra os seus esforços. O que é a individualização da consciência, a ipseidade do ente, senão seu conjunto de lembranças, que não é igual ao de nenhum outro ente?

Agostinho de Hipona tinha razão quando propõe que “*Estes conhecimentos estão como que retirados em um lugar mais íntimo, que não é lugar*”. O que fundamenta uma mudança qualitativa, criadora, evolução da vida ou espírito é a essência criadora, e o passado que dura vai inchando o presente, não é, pois, perdido, em qualquer um dos seres, por menor que ele seja.

*João Carlos Silva Onelli  
Julho de 2022*

*IEEF 2º ano Temas Filosóficos Espíritas  
3ª feira -9h (2022-2023)*